

Exmos Srs.

Caros participantes

No meu entender e com base na minha experiência de intervenção como investidor privado em várias áreas da economia moçambicana, em particular na área de comercialização agrícola e do agro-processamento da castanha do cajú, considero que para se falar da importância do financiamento no desenvolvimento da produção agrícola e do agro-processamento em Moçambique, é necessário entender a industrialização rural no contexto geral da economia moçambicana.

Na realidade num passado não muito distante quase toda a indústria de processamento se situava em zonas urbanas em particular no sul do país onde se situa a capital. Duma maneira geral as melhores infraestruturas económicas de apoio ao mercado (estradas, armazéns, infraestruturas portuárias, etc) serviam mais as zonas urbanas que propriamente as zonas rurais de produção agrícola.

É preciso pois ter em conta a realidade que ainda hoje se mantém, muito embora tenha vindo a ser mitigada pela intervenção do Estado e dos seus parceiros no desenvolvimento económico e social de Moçambique.

Contudo esta distorção da economia ainda prevalece. As infraestruturas e serviços continuam, de certo modo, concentrados nas zonas urbanas e no Sul de Moçambique.

A cidade de Maputo (segundo estudos recentes do IESE) ainda concentra cerca de metade da rede comercial retalhista e dois terços da rede grossista, 40% da rede de distribuição de combustíveis e assistência técnica auto, 80% das empresas de serviços de transporte, comunicações, construção, consultoria e informação.

Comparativamente, nas províncias de Nampula e Zambézia, que são consideradas as de maior potencial de desenvolvimento económico, (responsáveis pela maior parte da produção agrícola e em particular do cajú) e que abrangem 22% do território nacional e 41% da população do País, localizam-se apenas 21% da rede comercial retalhista, 10% da grossista, 5% das empresas de serviços, 16% da rede de distribuição de combustíveis e assistência técnica auto, 21% das estradas nacionais revestidas e 33% das estradas nacionais não revestidas.

No que respeita às condições de apoio técnico e financeiro ao desenvolvimento rural, somente metade dos distritos rurais tem redes de extensão rural.

As instituições financeiras formais operam em apenas 40% dos distritos rurais e urbanos do País.

A cidade e província de Maputo concentram 52% dos balcões de bancos, 55% das ATM, 72% dos POS, 55% dos microbancos, 64% das instituições de microcrédito e 84% das cooperativas.

Daí que facilmente se compreenda que não é fácil concretizar o apoio às iniciativas privadas de transformação dos produtos agrícolas com a intenção de acrescentar valor ao produto nacional, criar emprego e assim criar negócios frutíferos que consolidem o crescimento de uma classe de empreendedores privados agrícolas que contribuam para o melhoramento do nível de bem-estar das populações rurais e criem uma base de suporte do desenvolvimento das zonas rurais.

Posto esta breve descrição do contexto, gostaria de falar agora sobre a importância do financiamento agrícola em Moçambique.

Neste aspeto Moçambique tem desenvolvido inúmeras iniciativas de apoio ao desenvolvimento agrícola, com base em linhas de crédito proporcionadas por diversos parceiros, que se dispõem a criar fundos de garantia geridos por instituições nacionais numa base comercial e que são diretamente dirigidas aos operadores comerciais e industriais.

O exemplo que eu gostaria aqui de realçar, esteve na base da transformação do cariz da indústria do cajú em Moçambique. Outrora essencialmente urbana, embora houvesse algumas grandes unidades em zonas semi urbanas, a indústria do cajú foi de certo modo empurrada para as zonas rurais, mercê de uma estratégia de desenvolvimento das zonas rurais de produção do cajú, com base na instalação de pequenas unidades com tecnologia de trabalho intensivo nas zonas rurais, que atentavam no aproveitamento imediato da castanha produzida na região, a custos mais acessíveis, no aproveitamento da mão-de-obra disponível no local e também numa maior integração da mulher camponesa no agro-processamento promovendo-se assim um maior equilíbrio nos rendimentos do género.

A implementação desta política só foi possível, pelo apoio dado por parceiros ao Governo moçambicano, na criação de um Fundo de Garantia destinado a apoiar financeiramente iniciativas no domínio da produção agrícola (melhoramento dos pomares cajuícolos, por tratamento das árvores existentes, substituição das improdutivas e introdução de novas variedades).

O primeiro Fundo de Garantia afeto ao sector do caju, foi alimentado inicialmente pelas receitas provenientes da sobretaxa de exportação, numa percentagem fixada de apoio à produção agrícola e à indústria de processamento do caju. Estes fundos estiveram na base da instalação de novas pequena indústrias nas zonas rurais que cresceram como cogumelos, pois beneficiaram não só deste apoio financeiro, mas também de apoio técnico proporcionado por iniciativas não-governamentais entre os quais se destaca a da Technoserve uma ONG americana financiada pela USAID.

Este movimento marcou o início de uma transformação completa da indústria do caju em moçambique, que passou de grandes unidades (6000 a 12000 toneladas de capacidade) situadas em zonas urbanas longe dos centros de produção, para um conjunto de pequenas unidades (1000/2000 toneladas) de trabalho intensivo situadas nas regiões de produção agrícola.

Foi este fenómeno de transformação que introduziu uma nova dinâmica no crescimento da indústria do caju em Moçambique. Na realidade cedo se verificou que era necessário aumentar as capacidades das unidades processadoras de caju, para níveis superiores a 4000/5000 T/ano para que se aumentasse não só o espectro de captação de lucros, quantidade crítica para entrar mercado, mas sobretudo para garantir uma melhor qualidade do produto final (amêndoa de qualidade de acordo com os padrões internacionais).

Nesta nova transformação os fundos de apoio financeiro consubstanciados numa linha de crédito proporcionada pela USAID, voltaram a ter um papel decisivo na consolidação de uma indústria de caju rural, mas de dimensões mais consentâneas com as exigências do mercado internacional. Hoje a indústria de Moçambique apresenta uma nova face com uma capacidade instalada de cerca de 40.000 T/ano, das

quais as duas unidades que a minha empresa controla (Mogovolas e Nampula) são responsáveis por cerca de 30%.

Embora se possa considerar que a indústria nacional do caju floresceu nas últimas décadas, não se poderá concluir de modo nenhum que as condições de financiamento, foram as melhores e mais adequadas. Na realidade o sector ainda se debate com grandes dificuldades de obtenção de financiamento talhado de forma a favorecer o crescimento da indústria do caju numa base de benefícios mútuos dos intervenientes (Indústria, Banca e o Governo).

Senão vejamos, a indústria do caju como qualquer outro agro-processamento tem na matéria-prima, entre 75% a 85% dos custos totais de transformação. O facto da produção se concentrar em duas regiões distintas em Moçambique, (no Norte, de Outubro a Dezembro/Janeiro e no Sul de Fevereiro a Março /Abril) implica que o processo de compra se faça praticamente em 3 meses para o ano inteiro, com os consequentes acréscimos no custo do armazenamento. Os montantes envolvidos a curto prazo em cada ciclo de processamento são da ordem dos milhões de dólares, em função da capacidade de cada unidade. Anualmente são movimentadas grandes somas monetárias (fundo de maneio), a capacidade financeira dos empresários é ainda muito pequena, sobretudo a daqueles que se lançaram recentemente no negócio. A disponibilidade de financiamento é escassa, as condições são por vezes ainda de certo modo proibitivas, (5% sobre a taxa libor). A capacidade de negociação dos processadores é ainda baixa, o nível de risco é elevado face às oscilações da produção agrícola e do mercado internacional da castanha em bruto e da amêndoa.

A acrescer a estas dificuldades há ainda o facto de muitas das instituições financeiras serem tecnicamente frágeis sem um corpo técnico agrícola de acompanhamento dos investimentos da banca na agricultura e também sofrendo a pressão dos financiadores parceiros do Governo que ainda fazem exigências pesadas para o sector privado.

Mau grado as dificuldades encontradas no desenvolvimento das actividades de produção agrícola e de processamento do caju em Moçambique, gostaria de realçar o enorme potencial que o sector do caju tem. Tradicionalmente um país produtor e processador de castanha de caju do mundo, quiçá o mais antigo processador, Moçambique acumulou

uma experiência ímpar no domínio da indústria do cajú. Basta reparar que todas as mais avançadas tecnologias de processamento, tiveram o seu espaço em Moçambique e que mesmo após ter optado por uma tecnologia mais de trabalho intensivo, Moçambique nunca deixou de procurar novas tecnologias tendentes a melhorar drasticamente os níveis de desempenho dos trabalhadores e conseqüentemente os níveis de qualidade do produto final.

Moçambique têm um grande potencial agrícola de produção e também de processamento, o sector privado representado pela Associação ds Processadores de Cajú de Moçambique (AICAJU) está empenhado juntamente com o Governo e seus parceiros em desenvolver o sector.

Estamos cientes, enquanto empresários privados do sector do cajú, da importância da cooperação com eventuais parceiros ao nível nacional e internacional. Estamos abertos a iniciativas de participação e investimento no sector do cajú em Moçambique. Não esquecemos que estamos onde estamos porque houve sempre abertura da comunidade internacional para o apoio ao desenvolvimento do sector.

Queremos passar a um estágio superior de desenvolvimento do nosso sector de caju, queremos não só acrescentar valor à castanha em bruto, como queremos mais do que nunca, ter acesso direto aos mercados finais da amêndoa do caju, acrescentando a segunda transformação na nossa indústria e criando uma marca de amêndoa própria para abastecer os grandes mercados do mundo inteiro. Vamos lutar pelo lugar a que temos direito no panorama da indústria de processamento do caju a nível mundial e queremos que todos os países produtores de caju em África se unam nesta iniciativa.

Estamos disponíveis para o alargamento das nossas relações com parceiros africanos. Acreditamos que podemos traçar em conjunto, políticas de intervenção na indústria de caju em África que contribuirão sem dúvida para o seu crescimento. Acreditamos também que com uma maior cooperação entre os países africanos produtores de caju haverá uma maior possibilidade de garantirmos o crescimento do rendimento das populações rurais e que este exemplo também se refletirá na produção agrícola de outros produtos nos nossos países. Propomo-nos fazer do negócio do cajú a alavanca de desenvolvimento do agro processamento em África.

Através da ACA pretendemos participar ativamente no desenvolvimento do sector do caju em África. Temos beneficiado de algumas iniciativas no âmbito da ACA e da ACI em Moçambique. Pretendemos continuar a cooperar cada vez mais intensamente.

Estamos aqui, para manifestar a nossa convicção em participar nos esforços de desenvolvimento das indústrias do caju em África.

Contem connosco para juntos desenvolvermos a indústria do caju nos nossos países e em África no geral.

Bem hajam

Muito obrigado.